



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DA PROVÍNCIA ECLESÍÁSTICA
DE TOLEDO POR OCASIÃO DA VISITA
«AD LIMINA APOSTOLORUM»**

Terça-feira, 9 de Março de 1982

Senhor Cardeal e queridos Irmãos no Episcopado

*da Província eclesiástica de Toledo*¹. Em espírito de fé e de amor à Igreja de Cristo empreendestes a vossa viagem a Roma, a qual deveria realizar-se no ano passado e foi retardada devido às conhecidas circunstâncias que afectaram a minha pessoa no mês de Maio último. Vindes cumprir com o dever canónico que vos obriga a vós, Pastores da Igreja, a realizar periodicamente a visita *ad limina* e venerar os túmidos dos Apóstolos Pedro e Paulo. Mas sobretudo suscita em vós o íntimo desejo, que se torna necessidade sentida, de testemunhardes e corroborardes os vínculos de comunhão eclesial que, dentro do Colégio apostólico, unem os Bispos, sucessores dos Apóstolos, com o Romano Pontífice, Sucessor de Pedro (cf. *Lumen Gentium*, 22). Por isso vos recebo com profunda satisfação neste encontro, que vem completar aquele que já tive com cada um de vós em particular, e que me ofereceu a ocasião de partilhar as vossas alegrias e preocupações, propósitos e esperanças, referentes às comunidades diocesanas em que o Espírito Santo vos colocou para apascentar a Igreja de Deus (cf. *Act* 20, 28). A vós, pois, e aos vossos diocesanos dou a minha cordial saudação, desejando-vos, como S. Pedro aos cristãos do seu tempo, que "a graça e a paz vos sejam dadas em abundância" (*2 Ped* 1, 2).² Por meio de vós, que recebestes o ministério da comunidade e presidis em nome de Deus a vossa grei, da qual sois pastores, mestres de doutrina, sacerdotes do culto sagrado e ministros de governo (cf. *Lumen Gentium*, 20), noto a presença neste lugar da querida comunidade cristã que vive a sua fé e esperança em terras de Castela-a-Nova e Estremadura. Uma extensa região de rica história eclesial e cívica no âmbito da vossa Pátria e que se difundiu também amplamente até outras longínquas terras. De facto, aquela unidade religiosa da Espanha em torno da verdadeira fé em Cristo, a qual sob a guia insigne dos Santos irmãos Leandro e Isidoro teve solidificação nos Concílios de Toledo; aquele amor mariano, que

desde o Guadalupe estremo encontra correspondência em tantos centros de similar invocação mariana em terras da América e Filipinas, consolidou a alma cristã e mariana das vossas gentes. Duas notas que as distinguem, como aos seus irmãos compatriotas das demais regiões espanholas. E em torno destes dois pólos plasmou-se a fé do nosso povo, alimentada e sustentada pela Igreja através de inúmeras gerações. Com uma vivência dessa fé, que os acompanhou em todo o seu acontecimento histórico, nas suas vitórias e fracassos, na fidelidade e no esforço, nas luzes e inevitáveis sombras que formam a realidade sócio-religiosa de cada povo.³ Também no aspecto social viveram a sua vida as vossas gentes iluminadas pelo Evangelho de Cristo, e assim contribuíram para criar essa cultura e civilização cristã, das quais permanecem tantos testemunhos e esplêndidos monumentos de diversa índole. Embora a prova mais autêntica seja a que foram dando com a própria existência, com a recitação do credo como padrão de crença, com o louvor e a elevação a Deus na oração, no profundo do próprio espírito ou na sacralidade do templo, com o arrependimento dos seus extravios, com o amor à Igreja, com o sentido transcendente da vida e da morte. É esta uma realidade que não pode ser esquecida, em campo apostólico e também sociológico. Mas as circunstâncias do presente impõem um exame realista e bem actualizado da situação, visando sobretudo ao futuro, para que nas novas condições em que devem viver os vossos fiéis, possam estes responder plenamente à sua vocação cristã, num clima de diálogo, dentro do contexto cada vez mais pluralista da sociedade espanhola. Sem perder, não obstante, a clara visão da sua própria identidade cristã. Sem esquecer as exigências resultantes dela; não só na esfera da própria consciência, como também na de uma actuação prática desses princípios morais, que não são apenas cristãos mas também humanos, e que devem estar na base da convivência cívica, da solidariedade comunitária, do ordenamento jurídico da família, da escola, da legítima participação de cada um no governo da sociedade. Procurando descobrir e fomentar, no actual momento histórico da vossa Pátria, tudo aquilo que é comum aos cidadãos dos diversos sectores, regiões e tendências da Nação, e não o que os divide ou se lhes opõe.⁴ Quero por isso convidar-vos, e convosco cada membro das vossas dioceses — ou das demais da Espanha, às quais me dirijo igualmente nos encontros com os Pastores das diversas províncias eclesíásticas espanholas — a fazer um denodado discernimento das exigências da própria fé, a rejeitar toda a sensação de cansaço ou desencanto, a sacudir — permiti-me dizê-lo — essa certa resignação, que parece impedir a tantos católicos de trabalharem com maior eficácia, na vida particular e pública. Eles devem empenhar-se na construção de uma sociedade democraticamente respeitosa de todo o cidadão ou grupo social, devem fomentar na comunidade crescentes conteúdos de justiça e autêntica liberdade, mas sem hipotecar a sua identidade cristã, os seus deveres e direitos; sem falsa vergonha, sem colocar impecilhos ao dinamismo interno e externo da própria fé. Antes pelo contrário, vivendo-a como inspiração para a fraternidade, a honestidade e o compromisso em favor do bem de todos, sem fronteiras interesseiras ou parciais.⁵ Esta exigência, que toca de modo tão profundo a atitude vital do cristão na globalidade radical da sua existência, requer uma grande atenção, sobretudo por parte de Bispos e sacerdotes. Trata-se de buscar uma intensa formação moral das consciências, cuja rectidão prática há-de ser o resultado de uma educação religiosa em profundidade. Para poder conseguir isto é preciso cuidar de preparar com grande esmero a

pregação sagrada em todas as suas formas; principalmente nas acções litúrgicas e na administração dos Sacramentos, que são os momentos de mais frequente encontro com a comunidade fiel. Dever-se-á reforçar também ao máximo todo o trabalho de catequese nos diversos níveis, a fim de que aumente em todos a consciência da própria vocação e a vivência responsável e motivada do compromisso cristão. Importância transcendental tem nisto o trabalho pessoal e intransferível dos que receberam por título especial, com a Ordem sagrada, a missão de formar os outros na fé. Neste trabalho hão-de sentir a alegria da sua alta atribuição, não se excluindo o dever de serem fiéis aos ensinamentos de Cristo, e os quais devem ser anunciados pela Igreja como caminho da salvação até ao fim dos tempos. Essa fidelidade ao Senhor e ao Magistério da Igreja é parte indeclinável da fidelidade à própria vocação e ao verdadeiro amor aos homens.⁶ Mas este trabalho formativo não é privativo dos Bispos, dos presbíteros ou das paróquias, também as almas consagradas, os centros eclesiais — máxime os de nível superior —, os colégios religiosos, todos os agentes da pastoral, os intelectuais e homens de cultura cristã, os movimentos de apostolado, têm o posto e responsabilidade de formadores da fé, dessa fé que constrói a Igreja. Graças a Deus, muitos cristãos sentiram de maneira mais viva, sobretudo depois do último Concílio, a sua plena pertença à Igreja, assim como a responsabilidade que daí deriva em ordem ao apostolado. Tantas crianças, jovens e adultos, tantos pais e mães de família podem ser beneficiários da fé do irmão que se sente de veras cristão e apóstolo. E tantos outros podem e devem tornar-se criadores desse suplemento de espírito, feito de novos e superiores motivos de existência, cuja necessidade tanto sentem os nossos jovens, famílias e o mundo actual.⁷ Sei muito bem que este é um chamamento exigente e não fácil. Diríamos que, em vista dos impedimentos interpostos no caminho humano, é um cometimento impossível. Tal seria para as nossas forças sozinhas. Mas o Senhor, com todo o poder infinito do seu Espírito, está connosco todos os dias, até ao fim do mundo (cf. *Mt* 28, 20). Ele é o objectivo da nossa vida, é a nossa força e confiança. Por isso, abramos o coração à esperança, ao optimismo, à ajuda do alto que todos os dias nos renova e conforta. Maria, Mãe de Jesus e da Igreja, Mãe do Sacrário e de Guadalupe, nos acompanha com o seu exemplo e intercessão. Por ele, com profundo afecto fraterno encorajo-vos no vosso caminho de sacrificada entrega à Igreja. Levai da minha parte este mesmo e intenso afecto aos vossos sacerdotes, pedindo que estejais sempre muito perto deles e disponíveis, aos vossos religiosos, seminaristas e leigos comprometidos no apostolado. E como está presente neste encontro o Senhor Arcebispo Vigário-Geral Castrense da Espanha, estes sentimentos de estima estendo-os igualmente a ele e aos sacerdotes que colaboram no seu ministério. Finalmente, a todos vós e a cada um dos componentes das vossas respectivas comunidades eclesiais reitero a minha saudação no amor de Cristo e abençoo-vos de coração. ©

Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana